

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 360/2015

## O FILME E O BRASIL NOVO

Não há muito o que falar hoje de política, que é o assunto do meu cotidiano. Isto é, há sempre o que falar sobre política, entretanto, como nós brasileiros estamos vivendo um período excepcional, de grave crise política, e ela entrou em compasso de espera, na medida em que o Governo Dilma abriu novos canais de entendimento com o PMDB, que se desenvolve através de uma reforma ministerial, é melhor, mais sensato, aguardar o desenrolar e o desfecho dessas negociações que, se bem sucedidas, eliminarão uma das principais causas da nossa crise econômica que é, justamente, a crise política.

E um dos assuntos que, fora da política, abordo vez por outra, por preferência puramente amadorística, sem nenhuma outra vivência além daquela do mero espectador, é o cinema. E, muito especialmente, o cinema nacional, brasileiro.

Pois é precisamente o caso: há um filme brasileiro na praça que merece uma atenção maior e mais cuidadosa. Chama-se: “Que horas ela volta?”, da diretora Anna Muylaert.

O filme vai se impondo, pela espontânea informação boca a boca, como um verdadeiro marco de qualidade e importância dentro do acervo das grandes realizações do cinema nacional. No dia em que eu o assisti, o público ao final bateu palmas de emoção.

Há um desempenho realmente excelente da atriz Regina Casé, digno da mais alta premiação, mas há algo além, no enredo, no roteiro e na direção em geral, como no desempenho dos demais atores. Há uma qualidade que o destaca como um filme de seleta, que retrata com talento artístico, sem nenhuma apelação a atrativos imediatos, retrata uma época especial da vida brasileira: o momento de transição que estamos vivendo neste início de século.

Obviamente não vou contar a história mas apenas sublinhar o que a fita quer mostrar: que a naturalidade da inocência da jovem Jéssica, surpreendentemente preparada na escola, é o Brasil novo que emerge nos anos dois mil, enquanto a experiência e a sensatez da boa mãe trabalhadora, que ela pouco conhece, é o Brasil velho, que tem raízes lá no século XIX, de antes da Lei Áurea, e que só agora vai sendo rapidamente superado. E não é um acaso a origem nordestina de ambas. Como não chega a ser totalmente estranho o comportamento do dono da casa, fraco para a luta competitiva mas largo de compreensão da vida e da nova realidade que se vai impondo. Bem diferente da estereotipada dona de casa, executiva e ligada no marketing da competição, preocupada em parecer humana, marcadamente paulista, algo diferente da carioca ou da mineira

Claro que o filme tem substância política. E por isso mesmo vai suscitando críticas da elite mais conservadora, que quer vê-lo como propaganda esquerdista. Nem de longe tem a fita este intento. O que tem, sim, certamente, é muito talento de observação sensível e muito da arte complexa da boa composição cinematográfica.

Vale ver; chega a dar um certo orgulho na gente.

---

**Roberto Saturnino Braga**

Contatos: [rsaturninobraga@gmail.com](mailto:rsaturninobraga@gmail.com)

[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)